

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO XI

VOLUME I



COIMBRA / 1964

Algumas observações de João de Sousa Pinto de Magalhães a certos passos do IV Tomo da «História de Portugal» de Herculano (*)

Quem ller a *Advertencia* que precede a *Historia de Portugal*, die Herculaimo, diaitadia de Junho de 1846, depara não isó ia explicação do 'aimbileinte em que *comet eu uma empresa, cuja importância ^grande ou pequena deixarei que outros avaliem*, 'oomio tattnbém o agradecimento às pessoas que o auxiliaram em tão ciclópico trabalho, deisde o conselheiro Macedo, secretário perpétuo da Academia, Aureliano Basto, oficial maior da Torne do Tombo »e Esmeaiz, paleógrafo de Braga, bem como os eruditos António Luís de Sôabra, Vicente Ferrer Nato de Baiíva e Cunha Riivara.

Foram estes 'evidentemente os principais, mas, ao seu liado, outros houve também. Um defles, cujas observações temos o gosto de tornar públicas e foram respeitadas pelo Mesitre, foi João de Souisa Pinto de Magalhães.

Político, natural do Porto, foi distinto aluno, sempre premiado, da Universidade de Coimbra, onde se formou eim leis. Ingressando na magistratura, chegou a conselheiro do Tribunal de Contas. Deputado pela provincia do Minho, achou-se envolvido nas grandes lutas políticas daquela época, chegando ia ser presidente dais cortes, ministro do Reino e da Justiça do governo ida presidência do Marechal Saldanha e até Conselheiro de Estado efectivo.

Os biógrafos dizem-no da intimidade do Cardeal Saraiva, de Castilho e de Alexandre Herculano. Deste temos 'presente <a prova mais concludente ide tal facto. É ia seguinte carta ;

«Meu estimável am.º e Sñr. Não he sem grande pesar que me vi obrigado a ser, diesta vez, tão «demorado. Os fins e (principios de armo trazem-me s empire granlde paso de trabalho official, a que desita vez vierão aiocumular-se multitos ouibros extraordinarios que sie Item encadeado alté agora. E ainda se

(*) Estas «observações» deviam fazer parte do Tomo vi desta Revista, que havtia de comemorar o centenário da publicação do quarto tomo da *História de Portugal* de Alexandre Herculano. Infelizmemlue, porém, tal comemoração não pode ser levada a efeito, e por isso apenas «se fez urna pequena tiragem à parte do referido estudo. (Dado, porém, o seu interesse, julgamos dever incluí-lo neste tomo.

edta demora (tivesse sido compensada com alguma utilidade... Com duplicada mágoa vejo que a utilidade foi só minha porque pude prellibir o prazer que a leitura desta obra haldie dar a todos os amantes da nossa historia e da nossa jurisprudencia. Os convites que V. S.^a tão coifientemente me dirige, provão a sua modestia, mas humilhão a minha ignorancia. Que posso eu acrescentar ao fructo de tão improbo e profundo esfcudo sasonado por huma capacidade como a sua? O que?... Esses tres frangalinhos orthiographicos, que alhi -lhe remelto corno conisoada de Naltal.

Espero podler agora proceder com mais promptidão; e por isso espero que me não puna privando-me desta doce prelibação.

De V. S.^a

S/C. 15
Janr.º 1851

Ven.^{or} e admir.^{01'} am,º e obrig.^{dof}
J. de S. P.^{to} de IMaga.^{enss}.

Bis ia miaworia da® observações ide Pinto die MagaJlhães, toda® atoidildais, icom a iindiiiação não só tía tpágina <e inhla da cópia que teve presfeint/e, icoimo dia página dia prímleira >edição da «História de Portugal» onde se 'enicontira a correicção:

Pag. 18, linha 4—Em lugar de = *inaptidão* =, que me não lembra ter visto, eu diria = *ineptidão* = como derivado dle *inepto*.

Pag. 18, linha 14 — Grteii o que foi ptambém por engano do copista que se esareveu aqui = com = lem vez dle = *como* =.

***Pag. 18, linha 23* — = Impregão = . Não Vejo donde vem o i a esta palavra. O Uso universal he esartaver com e.**

Pag. 18 v.º, linha 19 — = por territorios etc =. Talvez fosse mais claro dizer = iem territorios = ... O).

Pag. 25, linha 26 — Eu preferiria virgular assim = ...*ao lado delia: era a do clero etc.* =)(Atendida a pag. 25)'.
(Atendida a pag. 25)'

Pag. 28 v.º, linha 7 — = parede contradizerem-se = he correcto; mais eu preferiria dizer = parecem contradizer-se =, como Vejo que a principio aqui se tinha escripto; porque cnelio (não sei se me engano) que assim dizem *sempre* os nossos classicos. — Aqui ainda ha outra razão, que hje principiar o periodo pelas palavras = *As passag&rts* = que fazem esperar o verbo principal no plural etc. etc. (Atendida a pag. 28)l

Pag. 29, nota, tinha 2 — = Confirmam-nos =. Aqui, em quanto se não chjegar ao fim, eslbe *nos faz* equivoco. Eu poria = coufirmam-os =, deixando a articulação para a pronuncia. (Atendida na nota 1 da página 28).

(!) Todas estas listão atendidas ñas páginas 18 le 19 da 1.^a ddição do iv volume da *História de Portugal*.

Pag. 32, linha 5— = entreveem-se =. Não me posso conformar com esta orthographia, ou para mellhor diizer, com edtoe novo modo die conjugar. Asisim de *desoe, comte, ouve* se forma *descem, comem, ovem* pelo simples augmento de hum *m*, asSim também de *vê* se forma *vem*. \A razão de levar o equivoco, não tem força... *Sed hæc coram*. ((Atendida a página 31)'.

Pag. 43 v.º; linha 11 — = deem =. Não vejo a razão delate neographismo. Os que escrevem *teem*, dizem ique o fazem para evitar o equivoco com o singular *tem*; os que escrevem *veem* no verbo *ver*, 'dizem que he paira o distinguirem de *vem* do verbo *vir* i[iseilião mais coherentes comsigo se escrevessem *veem* para o distinguirem do *elles veem* do plural de *vir*, qie elles escrevem já com dous ee): não approvo esties neographismos contrarios á pronunaia, ao uso constante dos classicos, e que vem trazer huns diphthongos nasaes de especie nova, e insupportaveis a huma lingua como a nossa, cujo senão são os diphthongos nasaes: mas este *deem* não tem nem ao mimos a razão de evitar equivoco. *Sed hæc coram*... '(Atendida na página 42).

Pag. 49, linha ultima, ant. not. — = *Corpos legaes* = parece inculcar á primdira vista *Corporaçõens legaes* ou legitimas: eu prefina *Corpos de leis*, ou 'Godligos. Vº. i(Atendida na página 49).

Pag. 61 v.º; linha 15 — Quando se diz que o foral de Soutomaior (1196) he analogo ao *anterior* ou *antecedente*, parece haver referenda a outro, de dalta anlteiiior, da mesma 'terra. Como creio que não he essa a intenção, parecia-me preferível dizer, em vez de = ao *anterior* = , claramente = *ao de Germanello* = Vº. ((Atendida na pagina 63).

Pag. 66 — Desde a linha 4.ª o período não me parece bem claro, porque lhe falta hum ponto e virgula, ou dous ponjtos em hum dos logares em que está só Virgula, não sei se depois de *interna*, se depois de *propria*. Vº. (Atendida a página 69).

Pag. 66, linha antepenultima — = aos restantes = quer dizer a outros iguaes que não mencionaremos? Creio que sim: mas não seria mais claro dizer, v, igr., = tomaremos a bem dizer ao acaiso entre muitos outros iguaes, alguns desses exemplos que mositrão como etc. = Vº. (Atendida a página 69)w

Pag. 66 v.º; nota — Quando vS mo texto as palavras «*lodo atirado ao rosto*» como traducção de «*stercus in ore*» pensei que era hum eupihemismo para conservar a dignidade do estylo historico; mas vejo que a Nota tracta de provar que a traducção ha littéral. Não me parecia a mlim assim; e vou dar a razão. Quanito eu sei, nada mais vulgar nos antigos foraes do que impor coimas aos crimes de *rouso, omezio*, e a este de *stercus in os*, ou *stercus in ore*. Já o logar terediro que ise lhe dá depois daquelles dous gravissimos crimes, me inclina a pensar que não se traiCta de huma simples injuria, como a de atirar lama á cara, se atitendemos á rudeza e grosseria daquelles tempos. A palavra *stercus* 'significa alguma coisa mais immunda dio que o *lodo*; e como se tracta d) e *huma maxima afronta* '(como com irazão lhe chama a Nota) neste caso ainda he mais stiiiiiota a obrigação geral do traductor de nao largar Sem forte razão a interpretação obvia e natural das palavras. O mesmo digo das outras palavras *in ore*: bem sabe que na sua primeira accepção querem dizer = na baca =.

Camtra esta interpretação oppõe a Nota dons argumentos. O 1.º he hum logar paralelo do foral de Anciães, onde se diz *dederit cum... in vultu hominis*. Aqui quanto á traducção de *stercus*, vê-se que não he de *lodo*, nem só die *lama* que os foraes falão como crime immediato depolis de *omezio*, e *rouso*, mas de injuria muulto mais grave; e quanto á traducção de os vê-ise que também significa nesltes casos *rosto*: poir isso infiro que as palavras dio forai de ICeiça dado <a Terranova = *vel stercus in os miserit* = iste podem verter = *ou atirar çinmundicia ao rosto* =, em logar da significação natural, = *ou metter i inmundicia na boca* = «(Este foral vem mencionado no *Elucidario*, verib. *Catumpnia*, pág. 229).

Mas seguiir-sie-ha daqui que em todos os foraets se devem sempre entender palo mesmo modo ais (corresponidletnites expressoens, v. gr. = *stercus in ore?* = . Creio que não, polis que, aptesair da Ignorancia dos ndtarias, não me piauece que elles em certos foraes preferirão sem razão a expressão = *stercus in ore* =; e devo dar-lh/es neste caso a significação que lhes dá a amitiga (tradução do foral de ISever tío Pessegueiro do Vouga, copiada no *Elucidario*, Verb. *Pri-mariças*).

He o 2.º argumento o absurdo dia traducção littéral. Confesso que, se alttenido á distancia que ha entre a civilisação actual e a (rudeza daquelfles séculos, pareoe-mie que, guardadas as proporçoens, s|e ha di'ferença na gravidade da tnjuria, aquella talvez seja menos grave do que he hoje o lançar lama no rosto. Quando eu me admirava do muito caso que as nossas leis fazem do crime die açoitos em mulher, Idizião-me os velhos que elles ainda tinhão sido testemunhas da frequencia quasi diaria com que nos mercados publicos <(o que hoje nos parece absurdo) as mulheres vendlddeiras se descompunhão reciprocamente humas a outras, em qualquer levte rixa, levantando as saias e açoitando com hum chinelo a sua adversaria, isto alinda ha menos de hum século !

Peço peidão desita sordida dliscussão: mas eu antes quero airrisca-me a por ao sol a imlimha ignorancia, dio que ficar com o remorso de ter (par amor •propirio) desmerecido a confiança com que mie honra hum amigo, e tal como V. <S.^a. ((Atendida no texto e nota da página 70>.

Decerto que, além desitas, outras observações existiram que não chegaram ao nosso conhecimento.

Entretanto o publicado é mais que suficiente para aquilatar a forma e o escrúpulo com que o Mestre trabalhava, e a sua ailta consideração por João de Sousa Finito de Magalhães que, como se vê, teve presente o original do iv volume dia *História de Portugal*, amtes de entrar no prelo.

Do valor das observações nada temos a 'dizer, pools Alexandre Herculano, no seu altissimo critério, acatou-as religiosamente.